

Yogin-Ma¹ (Yogindra Mohini Biswas)

Swami Chetanananda²



Yogin-Ma

“Austeridade é a fonte da força e também o meio para a liberação”, diz uma escritura hindu.³ Os deuses alcançam a divindade praticando austeridade; os sábios alcançam a perfeição através da austeridade; os seres humanos superam obstáculos e atingem o sucesso na vida pelo poder da austeridade. A vida espiritual e a prática da austeridade sempre andam juntas. Seria difícil acreditar que uma pessoa realizou Deus sem ter praticado austeridades e disciplinas espirituais. A vida de Yogin-Ma é um exemplo brilhante do antigo ideal indiano de feminilidade e austeridade. Ela combinou em sua personalidade grande serenidade e doçura com um espírito de serviço e rara sabedoria espiritual. Ela foi uma das proeminentes discípulas mulheres de Sri Ramakrishna. Uma vez o Mestre disse sobre ela: “Ela é uma *gopi*, aperfeiçoada pela graça de Deus”.⁴

¹ Tradução do capítulo do livro “*They Lived with God*”, dedicado a Yogin-Ma.

² Swami Chetanananda é o líder espiritual da *Vedanta Society of St. Louis and Kansas City, Missouri, EUA*.

³ Mahanarayana Upanishad, 79. 3.

⁴ Swami Nirlepananda, Ramakrishna-Saradamrita, Karuna Prakashani (Calcutta, 1968), p. 24.

Yogindra Mohini Mittra, ou Yogin-Ma, nasceu em 16 de janeiro de 1851, em Baghbazar, no norte de Calcutá. A casa de sua família era muito próxima à de Balaram Basu, um discípulo chefe de família de Sri Ramakrishna. Prasanna Kumar Mittra, pai de Yogin-Ma, era um médico bem conhecido e especialista em obstetrícia. Além de sua prática regular, ele também dava aulas no Calcutta Medical College sobre esse assunto. Prasanna era bastante rico e possuía uma grande casa com um jardim, em um lado da qual havia um templo de Shiva. Yogin-Ma era sua segunda filha de seu segundo casamento.

Quando Yogin-Ma tinha sete anos, foi casada com Ambika Charan Biswas, que era filho adotivo de uma família rica e proeminente de Khardah, uma vila doze milhas ao norte de Calcutá. A família Biswas era conhecida por sua piedade e filantropia, e alguns de seus membros eram bem versados em ritos tântricos. Um de seus ancestrais, Prankrishna Biswas, havia compilado o *Pranatoshini Tantra*, um famoso tratado sobre escrituras tântricas. Como muitas famílias ricas, a família Biswas queria se tornar renomada construindo um santuário contendo cem mil *Shalagrama shilas* (emblemas de pedra sagrados do Senhor Vishnu). No entanto, seu empreendimento não foi bem-sucedido, pois conseguiram coletar apenas oitenta mil. Damodar (Vishnu) era sua divindade familiar.

Os pais de Yogin-Ma ficaram muito felizes por sua filha ter se casado com uma família piedosa e rica. Embora o casamento infantil fosse então o costume da sociedade, Yogin-Ma não foi morar com seu marido na época do casamento. Somente depois de crescer, ela foi com grande esperança e expectativa para Khardah para se juntar a Ambika Charan. Mas, para sua consternação, ela muito em breve descobriu que esse jovem rico era um bêbado e libertino. Embora Ambika Charan tivesse herdado muita propriedade e riqueza de seu pai, ele as dissipou em muito pouco tempo. Ele era tão extravagante que um dia pediu a um servo para acender o tabaco em seu narguilé com quinhentas rúpias em notas. Ele logo se tornou virtualmente um mendigo.⁵

Yogin-Ma viveu com ele por alguns anos e tentou em vão mudar sua vida. Ela deu à luz uma filha chamada Ganu e um filho, que viveu apenas seis meses. Mas a paciência tem seus limites. Enojada com a vida imoral de seu marido, ela finalmente cortou seu relacionamento com ele e retornou à casa de seus pais, trazendo consigo sua filha. Nessa época, o pai de Yogin-Ma havia morrido, mas sua mãe as recebeu calorosamente. Quando Ganu cresceu, Yogin-Ma arranjou seu casamento.

A imagem romântica de uma vida conjugal pacífica e feliz havia sido destruída, e Yogin-Ma sentiu um grande vazio em sua mente. Atormentada por ansiedade e inquietação, ela se angustiava sobre como

⁵ Ramakrishna-Saradamrita, p. 13.

passaria o resto de sua vida. Justamente quando estava passando por essa tormenta mental, a graça divina abriu uma nova vida para ela.

Em 1882, Yogin-Ma encontrou Sri Ramakrishna pela primeira vez na casa de Balaram Basu. Como ela disse em suas memórias: “Balaram Babu era parente meu, sendo tio materno de meu marido. Um dia Sri Ramakrishna veio a sua casa e fomos vê-lo. Foi a primeira vez que o vi. O Mestre estava em pé de um lado do salão em profundo *samādhi*. Ele não tinha consciência exterior. Como ninguém ousava tocá-lo, as pessoas se curvavam a ele à distância. Nós também fizemos o mesmo. Naquela época, eu não tinha ideia do que era *samādhi*. A princípio, pensei que ele era um bêbado devoto de Kali. Não consegui entender o Mestre em nosso primeiro encontro. Além disso, imediatamente veio à minha mente que minha vida conjugal havia sido arruinada por um marido bêbado, e novamente deveria desfazer minha vida espiritual através da influência dessa pessoa aparentemente bêbada? Mas gradualmente me familiarizei com o Mestre”.⁶

É interessante notar que a avó de Yogin-Ma (mãe de sua mãe) havia conhecido Sri Ramakrishna em Dakshineswar provavelmente no final da década de 1870. Naquela época, Keshab Chandra Sen estava escrevendo sobre Sri Ramakrishna em seus jornais e revistas e havia tornado as pessoas de Calcutá cientes dele. A avó de Yogin-Ma leu sobre o Mestre no jornal e foi a Dakshineswar para encontrá-lo. Estranhamente, ao chegar lá, a primeira pessoa que encontrou foi o próprio Sri Ramakrishna. Ela não sabia quem ele era, pois não havia nada de incomum em seu traje ou aparência. Dirigindo-se ao Mestre, ela perguntou: “Você pode me dizer onde está Ramakrishna Paramahansa e como posso vê-lo?” O Mestre respondeu: “O que sei sobre ele? Algumas pessoas o chamam de ‘Paramahansa’, algumas o chamam de ‘Jovem Sacerdote’ e outras o chamam de ‘Gadadhar Chatterjee’. Por favor, peça a outra pessoa para ajudá-la a encontrá-lo”. Infelizmente, a avó de Yogin-Ma não insistiu mais no assunto. Pensando que talvez Sri Ramakrishna não fosse tão importante afinal, ela perdeu o interesse. Ela caminhou pelo jardim do templo por um tempo e depois voltou para casa.

Balaram frequentemente ia a Dakshineswar de barco e convidava outros devotos a irem com ele. Yogin-Ma foi com ele algumas vezes e então começou a visitar o Mestre com alguns outros devotos. Em suas memórias, ela disse: “Gradualmente, comecei a sentir uma atração pelo Mestre. Apenas o pensamento de visitá-lo fazia minha mente dançar de alegria. No dia em que planejava ir lá, eu me levantava cedo e terminava meus deveres domésticos o mais rápido possível. Meu anseio por vê-lo não conhecia limites. Após chegar em seu quarto, eu esquecia tudo, sentando-me em sua

⁶Ibid., p. 15.

presença. O Mestre costumava experimentar *samādhi* de vez em quando, e naquela época olhávamos para seu rosto com admiração. Ele era tão compassivo! Sempre que eu trazia algumas preparações comuns, ele as saboreava como um menino, dizendo alegremente: ‘Muito saboroso! Delicioso!’ E sempre na hora de nossa partida ele dizia: ‘Volte novamente’.

“Quando eu voltava para casa após minha visita ao Mestre, passava a semana inteira em um estado intoxicado. Isso estabeleceu um forte relacionamento. Não consigo expressar a alegria que sentia. Mesmo enquanto estava envolvida em cozinhar ou outras atividades domésticas, minha mente estava com o Mestre. Após alguns dias, quando sentia minha intoxicação diminuindo, minha mente novamente ansiava por vê-lo”.

Yogin-Ma havia sido iniciada em um *mantram* da Devi (um nome da Divina Mãe) pelo guru da família de seu marido, e ela costumava repeti-lo duas vezes ao dia. Quando Sri Ramakrishna soube disso, confirmou seu *mantram* e disse-lhe para continuar repetindo-o. Então ele disse a ela: “Olhe, sua Divindade Escolhida está neste lugar [apontando para seu corpo]. Se você pensar em mim, isso trará a lembrança de sua Divindade Escolhida”. Mais tarde, sempre que Yogin-Ma se sentava para meditação, ela sentia a presença do Mestre. Sri Ramakrishna também lhe ensinou como praticar *japam*, mostrando como os quatro dedos da mão direita devem ser mantidos firmemente juntos. “O resultado do *japam* se vai”, disse o Mestre, “se houver qualquer espaço entre os dedos”. Outra vez ele disse: “Neste *Kali yuga*, um *mantram* de Gopala [um nome do Bebê Krishna] ou um *mantram* de Kali produz resultados rápidos”.

Após algum tempo, Yogin-Ma também conheceu a Santa Mãe, e as duas foram imediatamente atraídas uma pela outra. Elas tinham mais ou menos a mesma idade. A Santa Mãe disse uma vez: “Yogin é minha *Jaya* [uma atendente da deusa Durgā] — minha amiga, companheira e atendente”.⁷ Yogin-Ma descreveu seu relacionamento com a Santa Mãe em Dakshineswar: ‘Sempre que eu ia lá, a Santa Mãe me levava em sua confiança, me contava seus segredos e pedia meu conselho. Eu costumava visitar Dakshineswar a cada sete ou oito dias, às vezes passando a noite lá. Então a Santa Mãe não me deixava dormir em outro lugar, mas pedia para eu dormir em seu quarto no *nahabat*.

‘Algum tempo após minha primeira visita, a Santa Mãe partiu para sua casa no campo. Eu fiquei na margem do Ganga e observei sua partida, esperando até que o barco não fosse mais visível. Depois disso, voltei para o *nahabat* e chorei amargamente. O Mestre, a caminho do *Panchavati*, me notou chorando e, após retornar ao seu quarto, mandou me chamar. ‘A partida dela causou muita dor em você’, disse ele ternamente. Ele então começou a me consolar relatando as maravilhosas experiências espirituais

⁷ Bhaktamalika, p. 460.

que tivera durante seus dias de *sādhana* tântrico. Quando a Santa Mãe retornou após cerca de um ano e meio, ele lhe disse: ‘Aquela garota com olhos grandes e bonitos, que vem aqui frequentemente, gosta muito de você. Ela chorou muito no *nahabat* quando você partiu para casa’. A Mãe respondeu: ‘Sim, conheço muito bem. Seu nome é Yogin’.

Sempre que Yogin-Ma vinha a Dakshineswar, ela servia o Mestre e a Santa Mãe. A Santa Mãe gostava tanto da maneira como Yogin-Ma trançava seu cabelo que não o desfazia, mesmo na hora de tomar banho, mas esperava que Yogin-Ma voltasse de novo para que pudesse retrançá-lo. A Santa Mãe era extremamente tímida e não visitava ou falava com o Mestre publicamente. Um dia ela disse a Yogin-Ma: “Todos vocês alcançaram *bhava samadhi*, mas nada aconteceu comigo. Você contaria ao Mestre sobre isso?” Yogin-Ma fez como lhe foi dito, mas quando o Mestre ouviu o que ela tinha a dizer, permaneceu em silêncio. Yogin-Ma retornou à Santa Mãe e a encontrou sentada em seu *asana* (tapete de oração), realizando adoração. Ela estava em um estado de ânimo extático. Um momento ela estava rindo, outro momento chorando e novamente outro momento sentada imóvel. Yogin-Ma ficou surpresa ao vê-la em êxtase. Quando a Santa Mãe desceu ao plano normal de consciência, Yogin-Ma perguntou: “Você reclamou que não experimenta *samādhi*, mas o que é tudo isso?” A Santa Mãe sorriu.

A associação de Yogin-Ma com as vidas intoxicadas por Deus de Sri Ramakrishna e a Santa Mãe criou uma fome espiritual em sua mente. Ela agora desviou a maior parte de sua energia para buscas espirituais, passando a maior parte do dia em adoração, estudo, *japam* e meditação. Embora o Mestre a desencorajasse de ler muitos livros, ele sugeriu que ela estudasse as escrituras devocionais. Ela teve muito pouca educação quando jovem, mas agora começou a estudar todas as tardes um dos principais *Puranas*, o *Ramayana*, o *Mahabharata*, o *Bhagavad Gita*, alguma escritura tântrica ou a vida de Chaitanya.

Muitos aspirantes não sabem que o descontentamento espiritual é frequentemente um bom sinal. Isso indica que a alma está ansiando por mais e mais experiências espirituais. Uma vez, Yogin-Ma estava passando por um período seco e decidiu reclamar sobre isso com Sri Ramakrishna. Ela partiu para Dakshineswar a pé muito cedo de manhã, mas assim que viu o Mestre, esqueceu tudo. Depois de um pouco, ela foi ao jardim, colheu algumas flores e as carregou no canto de seu pano. Sri Ramakrishna estava naquele momento na varanda norte de seu quarto e viu Yogin-Ma vindo com algo. Ele perguntou: “O que você está carregando?” Yogin-Ma mostrou-lhe as flores e então curvou-se e as ofereceu a seus pés. Imediatamente, o Mestre entrou em um estado de ânimo extático e a abençoou, tocando seu pé em sua cabeça.

Uma vez, Yogin-Ma disse: “Várias vezes notei que sempre que uma questão surgia em minha mente, outra pessoa fazia a mesma pergunta ao Mestre. Assim, ao responder à pergunta dessa pessoa, o Mestre também removia as dúvidas em minha mente. Ele era onisciente”.

Yogin-Ma um dia trouxe sua mãe idosa e sua filha ao Mestre. Ambos ficaram muito felizes em ouvir suas palavras inspiradoras. Através da influência de Yogin-Ma, seu marido, Ambika Charan, também começou a tentar mudar seu modo de vida e se associar a pessoas santas. Em 15 de novembro de 1882, Balaram trouxe Ambika Charan à sua casa para encontrar Sri Ramakrishna e ser abençoado por ele. Mas o Mestre sabia como ele havia maltratado sua esposa e, após Ambika Charan ter partido, ele disse: “Ele é um coitado infeliz. Um chefe de família tem seus deveres a cumprir, suas dívidas a pagar: sua dívida com os deuses, sua dívida com seus ancestrais, sua dívida com os *rishis* e sua dívida com sua esposa e filhos. Se uma esposa é casta, então seu marido deve sustentá-la; ele também deve criar seus filhos até que atinjam a maioridade”.⁸

No entanto, Yogin-Ma não desistiu. Ela persuadiu seu marido a se associar ao Mestre, então ele encontrou Sri Ramakrishna novamente, desta vez em Dakshineswar. Esse encontro pareceu causar uma profunda impressão nele. Infelizmente, pouco depois disso, Ambika Charan foi mordido por um cachorro e ficou acamado com febre. Quando Sri Ramakrishna soube disso, disse a Yogin-Ma para cuidar dele. Ele disse que, como esposa, ela tinha um dever para com seu marido, mesmo que ele tivesse sido imoral. Consequentemente, Yogin-Ma trouxe seu marido para a casa de seus pais durante seus últimos dias e cuidou dele cuidadosamente até sua morte.

Satisfeito com a devoção de Yogin-Ma, Sri Ramakrishna visitou sua casa em 28 de julho de 1885, junto com alguns devotos. Alguns músicos os entreteram em sua sala de visitas, e então pediram ao Mestre para ir ao quarto de Yogin-Ma no apartamento interno para alguns refrescos. Golap-Ma, vizinha de Yogin-Ma, disse a Sri Ramakrishna: “A mãe de Ganu [Yogin-Ma] pede que você abençoe o quarto com o pó de seus pés. Então o quarto se transformará em *Varanasi*, e qualquer um que morrer nele não terá problemas depois”.⁹

Em suas reminiscências, Swami Akhandananda descreveu um incidente interessante que ocorreu naquele dia na casa de Yogin-Ma:

Uma vez, Sri Ramakrishna foi à casa de Yogin-Ma em Nebubagan, Baghbazar. Hiralal, um irmão de Yogin-Ma, não gostava do fato de sua irmã ir a Dakshineswar. Ouvimos que, quando Yogin-Ma convidou o Mestre para sua

⁸ M., *The Gospel of Sri Ramakrishna*, trans. by Swami Nikhilananda, Ramakrishna-Vivekananda Center (New York, 1969), p. 156.

⁹ *Ibid.*, p. 824

casa, Hiralal trouxe um famoso ginasta e lutador chamado Manmatha, que morava em Gosainpara, para assustá-lo. Depois que Manmatha viu o Mestre e ouviu algumas palavras dele, caiu a seus pés e disse a ele, chorando: “Meu Senhor, sou culpado. Por favor, me perdoe”. O Mestre respondeu: “Tudo bem. Venha um dia a Dakshineswar”.¹⁰

De acordo com Swami Akhandananda, Manmatha era um arruaceiro e um lutador experiente. Alguns dias depois, Manmatha pediu a Swami Akhandananda que o acompanhasse a Dakshineswar para ver o Mestre. Sri Ramakrishna abençoou Manmatha, tocando seu corpo, e aquele toque transformou sua vida.

Em meados de 1885, Yogin-Ma e algumas outras devotas foram de barco com o Mestre para assistir a um festival *vaishnava* em *Panihati*, algumas milhas ao norte de Calcutá. Elas observaram o Mestre enquanto ele cantava e dançava entre a enorme multidão. Alguns dias depois, elas novamente desfrutaram de sua santa companhia durante o Festival do Carro de Jagannath na casa de Balaram Basu. O Mestre passou aquela noite na casa de Balaram e, na manhã seguinte, retornou a Dakshineswar. Antes de partir, as devotas o saudaram e se despediram, mas Yogin-Ma, sentindo uma atração irresistível pelo Mestre, seguiu-o. Vendo-a atrás dele, o Mestre disse em um estado de ânimo extático: “Mãe Bem-Aventurada! Mãe Bem-Aventurada!” e a saudou. Yogin-Ma curvou-se a ele. Então o Mestre disse a ela: “Por que você não vem, Ó Mãe, por que você não vem comigo?”

Enquanto o Mestre foi para o barco que havia sido alugado para ele, Yogin-Ma correu de volta para a casa de Balaram e informou à esposa de Balaram que estava indo para Dakshineswar com o Mestre. Outra mulher pediu para acompanhá-la, e ambas correram pela rua para alcançar o barco antes que partisse. No caminho para Dakshineswar, Yogin-Ma disse ao Mestre: “Quero invocar Deus mais e colocar minha mente totalmente nele, mas é difícil controlar a mente. O que devo fazer?” Sri Ramakrishna respondeu com uma voz doce: “Por que você não se entrega a ele? Seja como uma folha arrancada em uma ventania. Você sabe como é isso? Uma folha arrancada fica no chão e voa conforme o vento a carrega. Da mesma forma, deve-se depender de Deus. Deixe a mente se mover conforme o poder da consciência divina a move. Isso é tudo”.¹¹

Quando o barco chegou a Dakshineswar, Yogin-Ma e sua companheira foram ao *nahabat* para ver a Santa Mãe, e o Mestre foi se curvar à Divina Mãe no templo. Após retornar ao seu quarto, ele soube da Santa Mãe que não havia vegetais para sua refeição. O Mestre perguntou a Yogin-Ma e à outra mulher: “Vocês poderiam ir ao mercado?” Elas

¹⁰ Swami Akhandananda, *Smriti-Katha*, Udbodhan (Calcutta, 1937), p. 42-43

¹¹ Swami Saradananda, *Sri Ramakrishna, The Great Master*, trans, by Swami Jagadananda, Ramakrishna Math (Madras, 1979), Volume 2, p. 720-21

concordaram imediatamente. Naquela época, na Índia, mulheres aristocráticas não saíam para fazer compras. Se fossem a algum lugar, seriam carregadas em uma palanquim ou conduzidas em uma carruagem, com os rostos cobertos por um véu. Mas porque Sri Ramakrishna havia pedido, elas caminharam até o mercado e compraram alguns vegetais, que a Santa Mãe cozinhou para o Mestre e os devotos. À noite, Yogin-Ma e sua companheira retornaram para casa a pé. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Uma pessoa não pode ser perfeita enquanto estiver sujeita à vergonha, ódio e medo”. Dessa forma, o Mestre libertou suas devotas de tais sentimentos.

No *Evangelho de Sri Ramakrishna*, o Mestre é frequentemente citado dizendo: “Mulher e ouro é *māyā*”, e isso é um choque para muitas leitoras. Yogin-Ma se associou muito de perto com o Mestre, e um dia ela falou sobre o relacionamento do Mestre com as devotas: “Às vezes, quando eu estava com ele, sentia que ele não era um homem, mas uma de nós [mulheres]. Embora seja natural sentirmos certa timidez diante dos homens, não tínhamos tal sentimento na presença do Mestre. Se por acaso esse sentimento surgisse, desaparecia imediatamente, e ficávamos livres para abrir nossos corações a ele. Costumávamos falar com ele sobre coisas muito íntimas sem qualquer escrúpulo ou hesitação. E quão bondoso, quão afetuoso, o Mestre era conosco! Quando estranhos, lendo casualmente a vida de Sri Ramakrishna, chegam à conclusão de que ele não gostava de mulheres, simplesmente rimos”.¹²

Uma vez, Yogin-Ma perguntou ao Mestre: “O que acontecerá conosco?” “O que mais você quer?” respondeu Sri Ramakrishna. “Você me viu, me alimentou e me serviu. O que mais você precisa? Não se preocupe. O lótus de mil pétalas do seu sétimo plano [*sahasrara*] florescerá na hora de sua morte”. Ele acrescentou: “No último momento dos devotos, terei de aparecer diante deles. Caso contrário, como obterão a liberação?”¹³

Yogin-Ma era uma mulher de forte determinação. O que quer que ela empreendesse, levava à perfeição. Após praticar disciplinas espirituais por algum tempo de acordo com as instruções do Mestre, ela decidiu que Calcutá não era um lugar adequado para tais práticas. A atmosfera sagrada de *Vrindaban*, ela pensou, seria melhor. Sri Ramakrishna estava então hospedado na casa de jardim de *Cossipore* para tratamento de seu câncer. Quando Yogin-Ma pediu sua permissão para ir a *Vrindaban*, ele concordou prontamente, mas perguntou se ela havia conversado com a Santa Mãe sobre isso. A Santa Mãe estava presente então e disse: “O que quer que fosse para ser dito já foi dito por você. O que há para acrescentar?” No

¹² Vedanta Press, Hollywood, Vedanta and the West, Issue 110, p. 59

¹³ Ramakrishna-Saradamrita, p. 18.

entanto, o Mestre disse a Yogin-Ma: “Minha querida criança, vá, após obter seu consentimento. Você obterá tudo”.¹⁴

No dia seguinte, Yogin-Ma voltou a *Cossipore* para se despedir do Mestre e da Santa Mãe. Ela e Golap-Ma haviam trazido comida para Sri Ramakrishna, mas como havia alguns jovens discípulos em seu quarto, elas esperaram no andar de baixo. Quando o Mestre soube que elas estavam lá, mandou chamá-las e disse que aqueles meninos eram como seus filhos. Sri Ramakrishna as abençoou, tocando suas cabeças, e então pediu que fossem à Santa Mãe. Yogin-Ma esperou, no entanto, e Swami Brahmananda disse ao Mestre: “Ela sempre o saúda colocando a cabeça em seus pés, então ela está esperando”. Imediatamente, o Mestre, por compaixão, tirou os pés de debaixo da coberta da cama, e Yogin-Ma curvou-se como costumava fazer. Este foi seu último encontro com ele.¹⁵ Yogin-Ma foi então se curvar à Santa Mãe. Como bênção, a Santa Mãe colocou a mão na cabeça de Yogin-Ma e repetiu silenciosamente seu *mantram*, contando-o nos dedos.

Quando Sri Ramakrishna faleceu em agosto de 1886, Yogin-Ma estava hospedada no *kunja* de Kala Babu, uma casa de retiro em *Vrindaban* pertencente à família de Balaram. Ouvindo sobre a morte do Mestre, ela ficou dominada pela tristeza por não tê-lo visto novamente. A Santa Mãe se juntou a ela lá logo depois. Yogin-Ma disse: “No momento em que a Santa Mãe me viu, ela me abraçou e começou a derramar lágrimas abundantes sobre sua separação do Mestre. Ambas ficamos tão desconsoladas que nossos dias passaram em lamentação e mal conseguíamos atender às nossas necessidades diárias. Uma noite, o Mestre apareceu para nós em uma visão e disse: ‘Por que estão chorando tanto? Aqui estou eu. Para onde fui? É apenas uma mudança de um quarto para outro, não é?’ Essas palavras nos tranquilizaram e diminuíram a intensidade de nossa tristeza consideravelmente”.¹⁶

Yogin-Ma passava a maior parte do tempo em *Vrindaban* em *japam* e meditação. Uma noite, enquanto meditava no templo de Lala Babu, ela ficou tão absorta que entrou em *samādhi*. Muito depois do término do serviço noturno, ela ainda estava sentada ali imóvel como uma estátua. Os atendentes do templo tentaram trazê-la de volta à consciência normal, pois era hora de fechar o portão do templo, mas todos os esforços foram em vão. Enquanto isso, a Santa Mãe enviou Swami Yogananda para encontrar Yogin-Ma. Como ele sabia para onde ela costumava ir para meditar, veio com uma lanterna até aquele templo e a encontrou em *samādhi*. Ele começou a repetir o nome do Mestre em seu ouvido, e após algum tempo ela desceu de seu estado exaltado. Mais tarde, Yogin-Ma descreveu sua

¹⁴ Swami Gambhirananda, *Srima Sarada Devi*, Udbodhan (Calcutta, 1968), p. 174-75

¹⁵ Ramakrishna-Saradamrita, p. 27.

¹⁶ Udbodhan, Sri Sri Mayer Katha (Calcutta, 1969), Volume 1, p. 312

experiência: “Eu estava então em um estado espiritual tão elevado que até esqueci se o mundo existia ou não”. A Santa Mãe disse uma vez que, em *Vrindaban*, Yogin-Ma ficava tão absorvida em meditação que não percebia quando moscas pousavam em seus olhos e causavam feridas neles.

Foi também em *Vrindaban* que Sri Ramakrishna apareceu à Santa Mãe e disse-lhe para iniciar Swami Yogananda. Quando a Santa Mãe respondeu que não sabia o que fazer, o Mestre disse a ela qual *mantram* dar e também a aconselhou a obter a ajuda de Yogin-Ma. Após passar alguns meses com a Santa Mãe em *Vrindaban*, Yogin-Ma retornou a Calcutá para cuidar de sua mãe idosa. Em seu quarto, que havia sido santificado por Sri Ramakrishna, ela instalou um santuário com uma imagem do Bebê Krishna. As quatro paredes do quarto estavam repletas de imagens de deuses, deusas e santos. Ela realizava adoração ritualística todos os dias com grande devoção, como resultado disso, teve muitas visões divinas. Mais tarde, ela falou muito sobre o valor do ritual como uma das maneiras mais fáceis de estabelecer um relacionamento com Deus e levar a experiências espirituais profundas. “Uma vez, eu estava em uma atitude espiritual tão elevada”, disse ela, “que para onde quer que virasse meus olhos, via meu *Ishta* [Divindade Escolhida]. Aquele estado durou três dias”.¹⁷

Os discípulos de Sri Ramakrishna tinham grande amor e consideração por Yogin-Ma. Em 1896, Swami Vivekananda escreveu da América para seus irmãos discípulos para iniciarem um convento para mulheres com a ajuda de Yogin-Ma, Gauri-Ma e outras discípulas do Mestre. Após Swamiji retornar à Índia, soube um dia que Yogin-Ma havia experimentado *samadhi* em sua residência em Calcutá. Ele disse a ela: “Yogin-Ma, você deixará o corpo em *samādhi*. Uma vez que uma pessoa experimenta *samādhi*, a memória dele é revivida no momento da morte”.¹⁸

Yogin-Ma via os discípulos monásticos como seus próprios filhos, e eles, por sua vez, eram muito livres com ela. Um dia, Swamiji a viu em Calcutá e disse: “Quero almoçar com você. Por favor, cozinhe um *curry* para mim”. Em outra ocasião, ele disse: “Hoje é meu aniversário. Por favor, me alimente bem. Prepare um pouco de pudim de arroz para mim”.¹⁹ Ela era uma cozinheira experiente. A Santa Mãe e os discípulos diretos gostavam muito de sua culinária, assim como Sri Ramakrishna. Quando o Maharaja de Khetri visitou Swami Vivekananda em Calcutá, Swamiji pediu a Yogin-Ma que preparasse suas refeições com vários pratos vegetarianos e não vegetarianos. Todos os anos, Yogin-Ma celebrava o *Jagaddhatri Puja* em sua casa com muita festividade e grandes festas. A Santa Mãe e muitos dos discípulos diretos participavam dessa função.

¹⁷ Udbodhan, Volume 26, p. 367.

¹⁸ Ibid., p. 367.

¹⁹ Ibid., p. 370

Em 1893, a Santa Mãe e Yogin-Ma realizaram o *panchatapa*, a austeridade dos cinco fogos, na casa de jardim de Nilambar Babu, perto do que hoje é *Belur Math*. De acordo com o costume, senta-se e repete seu *mantram* do nascer ao pôr do sol cercado por quatro fogos ardentes, colocados a seis pés de distância. O quinto fogo é o sol escaldante acima. Elas praticaram essa austeridade por sete dias consecutivos.

Um inverno, Yogin-Ma viveu na margem da confluência do Ganga e do Jamuna em Allahabad e observou *kalpavasa*, um voto espiritual. Em outra ocasião, ela desistiu de beber água por seis meses, tomando leite em vez disso. Toda a sua vida foi cheia de jejuns e vigílias.

Embora Yogin-Ma aparentemente fosse uma chefe de família, na verdade ela era uma monja. Em 20 de novembro de 1900, ela foi iniciada junto com Swami Saradananda no *purna-abhisheka*, um rito tântrico especial, por Ishwar Chandra Chakrabarty. Ela aprendeu com ele os segredos do *sādhana* tântrico. Mais tarde, em Puri, ela foi iniciada no *sannyāsa* védico por Swami Saradananda na presença de Swami Premananda. Ela era muito modesta para fazer exibição de sua renúncia, no entanto, e usava a roupa ocre apenas no momento da adoração. Em outros momentos, usava o tecido branco usual.

Yogin-Ma tinha um profundo respeito pelo ideal monástico. Um dia Swami Saradananda estava ditando algumas cartas a um jovem monge em seu quarto quando Yogin-Ma entrou. Seu pé tocou acidentalmente a roupa do monge, e ela imediatamente juntou as mãos e o saudou. O monge disse: ‘O toque do seu pé é uma bênção, Yogin-Ma. Por favor, não se sinta constrangida’. Yogin-Ma respondeu: ‘Você é um monge. Sua veste ocre é um símbolo de renúncia. É esta renúncia que fez de Sri Ramakrishna um grande homem, e você está seguindo seus passos. Uma pequena naja é tão venenosa quanto uma grande naja’. Suas palavras fizeram o monge perceber a grande responsabilidade que há no uso do manto do monge.

O neto de Yogin-Ma deu uma descrição dela em um artigo: ‘Desde o final da tarde até as nove horas da noite tínhamos muitas oportunidades de vê-la sentada em seu *asana* [tapete de oração], meditando como uma estátua — reta, ereta, externamente morta, mas obviamente em contato com alguma realidade luminosa interior. Ela tinha olhos muito grandes, semelhantes a lótus e brilhantes. Sua saúde era sempre boa, com apenas pequenos problemas e indisposições. Ela era de baixa estatura, corpulenta, de tez clara, muito sagaz, bem equilibrada em seus julgamentos e tinha uma compostura grave. Ela era cheia de vigor, fortaleza e era uma mulher de palavra’.²⁰

Swami Arupananda escreveu: ‘Mesmo em sua velhice Yogin-Ma tinha tanta inclinação para práticas espirituais que no meio de muitas

²⁰ Prabuddha Bharata, 1942, p. 341.

ocupações e distrações absorventes ela não alterava a rotina de sua meditação diária e *japam*. Todos os dias, após seu banho no Ganges, ela costumava passar cerca de duas horas, ou talvez mais, em meditação, etc. Mesmo um frio terrível ou chuva não podiam impedir sua rotina. Nós nos maravilhávamos com sua firmeza. De tempos em tempos as pessoas querem algum relaxamento ou cedem à preguiça, mas Yogin-Ma não perdia um único dia’...²¹ A Santa Mãe costumava dizer às devotas: ‘Yogin e Golap praticaram tanto disciplina espiritual. Fará bem conversarem sobre isso entre vocês’.

Uma devota americana, Irmã Devamata, também deu suas reminiscências sobre Yogin-Ma:

Yogin-Ma sempre me pareceu uma das mais nobres discípulas de Sri Ramakrishna...Ela não abandonou sua vida de leiga, mas nenhuma monja em um claustro era mais rígida em suas observâncias espirituais do que ela...Sua vida de leiga era vivida com sua mãe idosa em uma modesta casa a uma curta distância a pé dos aposentos da Santa Mãe. Ela era escrupulosamente fiel no cumprimento de seu dever para com sua mãe. Nenhum serviço era omitido, nenhum cuidado negligenciado. Seu pensamento amoroso estava constantemente nela. Mas com persistência mais duradoura ele repousava na memória de sua abençoada associação com Sri Ramakrishna. Desde seu primeiro contato com ele, seu interesse supremo estava centrado em sua vida espiritual. Esta, como eu a via, era vivida no Escritório de Udbodhan, em Mukherjee Lane, onde, no segundo andar, a Santa Mãe estava alojada. Estas duas linhas paralelas de vida nunca se cruzavam ou colidiam. Cada uma parecia antes fortalecer e adoçar a outra.

Seu dia era muito bem organizado para permitir conflito. Ela se levantava antes que a noite se dissolvesse e às quatro horas ia para seu banho no Ganges. Ela nunca falhava. Às vezes, quando não estava bem, Swami Saradananda a repreendia e pedia que considerasse sua saúde; mas ela permanecia firme. O banho matinal no Ganges, com sua oração e canto sagrado, era um dever religioso e não devia ser deixado de lado. Terminado o banho, ela retornava para casa, dava os cuidados necessários à sua mãe, e às sete horas ela estava subindo as escadas do Escritório de Udbodhan para dar uma saudação matinal à Santa Mãe. Feito isso, ela descia para uma sala debaixo das escadas. Ali ela decidia sobre as compras a serem feitas no bazar e cortava os legumes para a refeição do meio-dia. Ela considerava isso seu privilégio especial. Por volta das onze ela retornava à sala superior para conduzir o *puja*... A hora da oração naquela câmara superior onde ficava o santuário, contava entre as mais preciosas do dia para mim. Yogin-Ma e eu estávamos sozinhas — ela diante do altar, eu ao lado de uma janela interna que dava para o pátio. A Santa Mãe ia e vinha. Outros entravam na sala. Era tudo essencialmente informal, mas o pensamento de Yogin-Ma permanecia fixo no *puja*. Ela era muito estrita em conformar-se com todos os usos e tradições da adoração. Ela nunca falava enquanto estava adorando, e às vezes parecia que a Santa Mãe estava lhe provocando ou testando, pois ela se

²¹ Prabuddha Bharata, 1924, p. 415

aproximava dela e lhe fazia uma pergunta. Yogin-Ma dava uma resposta monossilábica atrás dos dentes cerrados sem mover os lábios. A Mãe sorria e se afastava...

Após o *puja*, Yogin-Ma servia a refeição do meio-dia — às senhoras nos quartos da frente perto do santuário, a Swami Saradananda e à equipe do *Udbodhan* em uma grande sala de jantar na parte de trás do segundo andar. Quando a refeição era concluída, ela ia até sua mãe; mas no final da tarde ela estava de volta mais uma vez na sala debaixo das escadas conferenciando com Swami Saradananda. Esta era a única hora de verdadeira recreação em todo o dia; pois quando tinham resolvido questões imediatas, eles reviviam uma e outra vez os dias abençoados com Sri Ramakrishna. Contavam um ao outro histórias do Mestre que tinham ouvido cem vezes; falavam de Swamiji (Swami Vivekananda) e dos outros discípulos que haviam partido; falavam ternamente e devotamente da Santa Mãe. Era uma hora preciosa — aquela hora passada juntos na pequena sala debaixo das escadas. O *Arati* [o serviço vespertino] parecia apenas a culminação dela, e Yogin-Ma passava meio que em sonho da memória do Mestre para sua adoração no santuário. Com seu coração aquecido, ela agitava o incenso e a cânfora ardente diante da imagem; então, com o mesmo calor de amor, ela se virava, quando o *arati* terminava, para distribuir a comida oferecida a seus filhos...

Yogin-Ma era sempre muito amorosa comigo. Aparentemente a incomodava que eu tivesse nascido na América em vez da Índia. Frequentemente ela me dizia: 'Devamata, eu me pergunto por que Thakur te enviou tão longe para nascer. Você pertence aqui. Você é uma de nós'.²²

Yogin-Ma estava sempre ativa — nunca nem um pouco preguiçosa. Toda tarde, após retornar para casa vinda da casa da Santa Mãe, ela cozinhava arroz e *curry*. Esta comida ela oferecia ao Senhor em seu santuário, e então ela e sua mãe partilhavam do *prasad*. Após comer, ela descansava um pouco e então estudava uma das escrituras. Ela não sabia sânscrito, então lia uma tradução bengali do original. Às vezes, à tarde, ela assistia à aula de *Gita* dada por Swami Saradananda.

Yogin-Ma tinha duas imagens do Bebê Krishna, as quais ela servia e adorava com muito amor e afeição. 'Um dia', ela disse, 'enquanto meditava no momento da adoração, vi dois meninos incomparavelmente belos. Eles vieram, sorrindo e me abraçando e acariciando minhas costas, e disseram: "Você sabe quem nós somos?" Eu respondi: "Sim, eu os conheço muito bem. Você é o heroico Balarama, e você é Sri Krishna". O mais jovem [Krishna] então disse: "Você não se lembrará de nós". "Por quê?" "Não, você não se lembrará por causa deles", e ele apontou para meus netos'. Logo depois, suas palavras se cumpriram. Yogin-Ma ficou muito

²² Prabuddha Bharata, 1932, p 456-58.

preocupada com seus netos após a morte de sua filha, e sua mente desceu ao plano normal daquele estado espiritual elevado.²³

A filha de Yogin-Ma, Ganu, faleceu em 1909 em *Varanasi*. O marido de Ganu havia morrido três anos antes, em 1906, e alguns de seus filhos morreram ainda jovens. Mas com a ajuda de Swami Saradananda, Yogin-Ma criou três netos órfãos, um dos quais eventualmente se tornou um monge da Ordem Ramakrishna. Quando a mãe de Yogin-Ma estava morrendo em 1914 após uma longa e plena vida, ela foi levada em sua última hora à margem do Ganges. Swami Saradananda sentou-se perto dela, entoando o nome de Deus enquanto ela falecia. Yogin-Ma chorou como uma criança.

Deus provê tudo àqueles que são devotados a Ele. Embora Yogin-Ma tenha nascido em uma família abastada e tenha se casado com um marido rico, teve de viver com uma pequena pensão, combinada no momento de sua separação do marido. Ela era, contudo, econômica e administrava todas as suas despesas pessoais com o dinheiro que lhe sobrava. Esse excedente ela doava em caridade ou utilizava para peregrinações. Visitou quase todos os importantes lugares sagrados da Índia, de *Kedarnath* e *Badrinath* no norte até *Kanyakumari* no sul, de *Dvaraka* no oeste até *Kamakhyā* no leste. Onde quer que fosse, dava um pouco de dinheiro aos pobres. Nunca recusava ninguém. Nas visitas de Yogin-Ma a *Jayrambati* ou *Kamarpukur*, locais de nascimento da Santa Mãe e de Sri Ramakrishna, ela dava algum dinheiro aos seus parentes. Mesmo em Calcutá, se algum mendigo chegasse ao escritório da *Udbodhan*, Yogin-Ma sempre lhe dava algo. Diante disso, Golap-ma costumava dizer: 'Os mendigos que vêm até nós exigem moedas e não vão embora sem consegui-las. Yogin está na raiz de tudo isso'.²⁴

Em 1909, Swami Saradananda começou a escrever *Sri Sri Ramakrishna Lilaprasanga* (*Sri Ramakrishna - O Grande Mestre*) e pediu a Yogin-Ma que lhe relatasse suas lembranças do Mestre. Conforme solicitado, ela narrou todos os incidentes que conhecia. Este livro foi publicado inicialmente na *Udbodhan*, uma revista em bengali. Todo mês, antes que o manuscrito fosse enviado à gráfica, era lido em voz alta para Yogin-Ma, que dava suas valiosas sugestões. Ela também ajudou muito Sister Nivedita em seu *Cradle Tales of Hinduism*, como Nivedita reconheceu na introdução. Yogin-Ma possuía uma memória admirável e conseguia narrar fielmente histórias dos *Puranas*, do *Ramayana*, do *Mahabharata* e do *Sri Sri Chaitanya Charitamrita*.

A Santa Mãe também tinha grande consideração pelo discernimento de Yogin-Ma e consultava-a não apenas sobre assuntos domésticos, mas

²³ Bhaktamalika, p. 469.

²⁴ Ibid., p. 473.

também sobre questões espirituais e até mesmo sobre *mantras*. Certa vez, um cavalheiro idoso pediu à Santa Mãe que o abençoasse com a iniciação. Ela concordou por compaixão, mas quando ele veio para a cerimônia, ela lhe fez algumas perguntas e descobriu que ele era cético quanto à divindade de Sri Ramakrishna. A Santa Mãe ficou perturbada. Chamou Yogin-Ma ansiosamente, que correu até o santuário. ‘Yogin, o que devo fazer?’, perguntou a Santa Mãe. ‘Esta pessoa não aceita o Mestre’. Yogin-Ma respondeu imediatamente: ‘Bem, Mãe, não importa. O *mantra* que a senhora lhe dará tem o poder de transformá-lo com o tempo. Não se preocupe. Inicie-o’. A Santa Mãe seguiu o conselho de Yogin-Ma, e sua previsão se concretizou. Após pouco tempo, o homem tornou-se devotado a Sri Ramakrishna.²⁵

A dúvida é como uma doença da mente. Ela vem e vai. Embora Yogin-Ma fosse uma companheira íntima da Santa Mãe, em certo momento duvidou de sua divindade. Disse a si mesma: ‘Sri Ramakrishna era a encarnação do desapego, e a Mãe está absorta no mundo, ocupada dia e noite com os pensamentos de seus irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas’. Pouco depois, certo dia, enquanto estava sentada na margem do Ganga meditando, Sri Ramakrishna apareceu-lhe em visão e disse: ‘Você vê o que está sendo carregado pelas águas do Ganga?’. Yogin-Ma olhou e viu o cadáver de um recém-nascido. Viu também muitas pessoas oferecendo adoração à Mãe Ganga. O Mestre então disse: ‘Acaso algo pode tornar o Ganga impuro? Considere-a [a Santa Mãe] da mesma forma. Nunca duvide dela. Lembre-se: ela não é diferente deste [referindo-se a Si mesmo]’. Yogin-Ma imediatamente correu até a Santa Mãe e, após contar-lhe toda a história, pediu-lhe desculpas. A Santa Mãe sorriu e a consolou.²⁶

A partida da Santa Mãe em 1920 criou um vazio tremendo na mente de Yogin-Ma. Yogin-Ma ansiava por reunir-se a ela e ao Mestre. Em 1922, com o falecimento dos Swamis Brahmananda e Turiyananda, Yogin-Ma sofreu ainda mais. Mas, apesar da saúde debilitada, em 1923 ela foi com Swami Saradananda a *Jayrambati* para a dedicação do templo da Santa Mãe no local de seu nascimento. Durante os dois últimos anos de vida, Yogin-Ma sofreu de diabetes. Embora seu corpo austero se tornasse fraco e frágil, sua mente permanecia sempre alerta, e ela jamais esquecia sua abençoada associação com Sri Ramakrishna, a Santa Mãe e os demais discípulos diretos do Mestre. Muitas vezes entrava em *bhava samadhi*, murmurando docemente as palavras: ‘*Ha Gopala! Ha Gopala!*’ Durante dois ou três dias antes de seu falecimento, permaneceu sem fala e recusou-se a ingerir até mesmo um pouco de líquido. Swami Saradananda pediu ao médico que a assistia que a examinasse para verificar se ela estava em coma, condição

²⁵ Vedanta and the West, Issue 110, p. 62

²⁶ Udbodhan, Sri Sri Mayer Katha (Calcutta, 1965), Volume 2, p. 336-37

comum no diabetes. O médico examinou cuidadosamente, mas não encontrou nenhum sintoma de coma. O swami ficou então certo de que as palavras do Mestre haviam se cumprido — que Yogin-Ma abandonaria seu corpo em estado de *Jnāna*, isto é, fundir-se-ia em Brahman.²⁷

Na quarta-feira, 4 de junho de 1924, às 22h25, quando todas as atividades do mosteiro já haviam terminado, Yogin-Ma faleceu na casa da *Udbodhan*, ao lado do quarto onde a Santa Mãe havia vivido. Swami Saradananda sentou-se junto à sua cabeça no momento da morte e repetiu o nome de Sri Ramakrishna, enquanto um monge recitava o segundo capítulo do *Bhagavad Gita*. O corpo de Yogin-Ma foi então cremado na margem do Ganga, segundo o costume hindu, com a recitação de *mantras* védicos.



²⁷ Prabuddha Bharata, 1942, p. 344.